

FRANCISCO BRENNAND E A MODERNIDADE CULTURAL PERNAMBUCANA: ARTE, TERRITÓRIO E SUBJETIVIDADE COMO LINGUAGENS DE REEXISTÊNCIA

José Michelson Benício Belo¹
Diógenes José Gusmão Coutinho²

RESUMO: Este estudo investigou a relevância da produção de Francisco Brennand para a conformação de uma modernidade cultural implantado no contexto pernambucano, com atenção especial aos aspectos estéticos, simbólicos e territoriais de sua obra. Partiu-se do entendimento de que a modernidade cultural brasileira não se estabelece exclusivamente pela incorporação de modelos europeus, mas também pela emergência de linguagens autônomas que nascem das margens geográficas e conceituais do sistema artístico. A criação de Brennand é profundamente ligada ao barro, à mitologia, à sexualidade e à memória coletiva, essa foi interpretada como manifestação de uma subjetividade insurgente, capaz de mudar a matéria em pensamento e o território em obra. Identificou-se, na Oficina Cerâmica Francisco Brennand, não apenas um espaço de produção artística, mas um território simbólico de resistência estética, no qual arquitetura, escultura e paisagem se entrelaçam em um organismo vivo, formativo e experimental. A análise evidenciou, ainda, a atualidade do legado de Brennand para práticas artísticas contemporâneas, assim como sua introdução em políticas culturais, iniciativas educativas e reconfigurações do imaginário social. O percurso metodológico baseou-se em revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos publicados entre 2020 e 2025, privilegiando autores que discutem arte, decolonialidade e modernidades periféricas. Conclui-se que Brennand não apenas produziu obras, mas instituiu uma forma singular de perceber, sentir e habitar o mundo a partir do solo simbólico do Nordeste, afirmando-se como um dos protagonistas da modernidade cultural no Brasil.

1381

Palavras-chaves: Modernidade cultural. Arte decolonial. Francisco Brennand.

INTRODUÇÃO

As produções artísticas de Francisco Brennand ocupam um espaço único na cultura brasileira, fruto de uma fusão potente entre arte, território, simbolismo e memória. Pernambucano de nascimento e atuação, Brennand construiu, ao longo de mais de sete décadas, uma linguagem plástica singular que se tornou referência na modernidade cultural nordestina.

Em um Brasil marcado por desigualdades regionais e pelo peso das heranças coloniais que definiram suas instituições culturais, sua obra surgiu como um ato de resistência simbólica

¹Graduado em Letras pela FAFICA. Pós-Graduação Lato Sensu em Avaliação Educacional língua Portuguesa pela UFPE. cursando Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School.

²Graduado em Biologia pela UFRPE. Doutor em Biologia pela UFPE. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

ao cânone eurocêntrico que dominava as artes visuais. Ao escolher o barro como sua matéria-prima ancestral, por muito tempo relegada à margem, Brennand criou uma poética profundamente conectada à paisagem, aos mitos e às contradições do Nordeste, com ênfase particular em Pernambuco.

Com isso, instaurou uma estética própria, capaz de romper fronteiras entre o popular e o erudito, o funcional e o contemplativo, o local e o universal reafirmando sua arte como uma expressão de revolução, identidade e permanência. (Brigagão, 2021; Peloso et al., 2022).

O cenário contemporâneo em que se insere este estudo evidencia um crescente interesse por práticas decoloniais e pela valorização de narrativas estéticas fora dos grandes centros culturais, especialmente diante do avanço de políticas públicas voltadas à descentralização das produções culturais brasileiras. Um exemplo disso ocorreu em 2023, quando dados do IBGE apontam que Pernambuco registrou um crescimento expressivo de 17% no público presente em espaços culturais autônomos. Entre esses espaços, destaca-se a Oficina Cerâmica Francisco Brennand, que passou a integrar roteiros pedagógicos e científicos de escolas públicas e privadas, consolidando-se como um ambiente híbrido, onde arte, ciência e educação se encontram para transformar experiências culturais. Esse reconhecimento, contudo, traz consigo o desafio de interpretar a obra de Brennand para além do mero impacto estético que desperta. É preciso compreendê-la como parte estruturante de uma modernidade cultural que se afasta da matriz industrializada e eurocêntrica, afirmando-se pela resistência, pelo sincretismo simbólico e por uma subjetividade radical (Mariano, 2023; Gomes, 2025).

1382

A investigação desenvolvida foi orientada pela seguinte questão central, de que maneira a produção estética de Francisco Brennand se insere na modernidade cultural pernambucana, ao mesmo tempo em que tensiona discursos artísticos de matriz colonial e propõe novas formas de pertencimento, resistência e criação? Reconhecendo que a modernidade cultural não constitui um fenômeno semelhante, mas múltiplo, histórico e situado, tornou-se essencial examinar como a obra de Brennand redefine o espaço simbólico da arte e renova o Nordeste na cartografia das estéticas modernas. Nesse processo, afirma uma identidade singular por meio do uso de formas orgânicas, símbolos mitológicos e de um erotismo ritualizado (Mariano, 2024; De Abreu Gomes, 2021).

O objetivo central desta pesquisa foi investigar, de forma crítica, a relevância de Francisco Brennand na configuração da modernidade cultural em Pernambuco. Para alcançar esse objetivo, foram delineadas metas específicas: compreender as matrizes simbólicas e

técnicas que estruturam sua linguagem estética; analisar a Oficina Brennand como um espaço de memória, criação e mediação cultural; e interpretar seu legado à luz das discussões contemporâneas sobre decolonialidade, arte-educação e políticas de preservação do patrimônio.

Ademais, a relevância deste estudo reside na necessidade urgente de compreender Francisco Brennand não apenas como criador de obras artísticas, mas como pensador de epistemologias estéticas capazes de desafiar modelos culturais excludentes e hierárquicos. Em um cenário em que as discussões sobre a descolonização da arte ganham força, sua produção oferece ferramentas concretas para refletir sobre a arte enquanto prática de insurgência e de reconfiguração do sensível. Ao integrar arte, ciência e pedagogia, Brennand amplia os horizontes da educação estética no Brasil, especialmente em contextos historicamente marginalizados pelos circuitos institucionais da arte.

A pesquisa desenvolvida neste estudo foi conduzida por meio de revisão bibliográfica, em conformidade com a metodologia de documentação indireta proposta por Marconi e Lakatos (2021, p. 242)³. Essa abordagem, fundamentada na análise criteriosa de referências documentais e bibliográficas, mostrou-se a mais adequada para sustentar teoricamente o problema investigado. O levantamento das fontes ocorreu entre janeiro e julho de 2025, privilegiando publicações recentes (2020–2024), especialmente artigos indexados no Google Acadêmico. Para assegurar relevância e credibilidade, foram selecionadas apenas produções de autoria reconhecida nos campos das artes visuais, da crítica cultural e da estética decolonial, excluindo-se materiais opinativos, publicitários ou sem validação científica. Essa delimitação metodológica garantiu não apenas rigor e atualidade, mas também a profundidade analítica necessária para fortalecer os resultados apresentados ao longo do estudo.

1383

I FRANCISCO BRENNAND E A SUBJETIVIDADE ESTÉTICA COMO FUNDAMENTO DA MODERNIDADE CULTURAL E DAS PERSPECTIVAS DECOLONIAIS NAS ARTES VISUAIS

A modernidade cultural, concebida como fenômeno plural e territorialmente situado, ultrapassa os marcos cronológicos da modernidade europeia e manifesta-se em expressões críticas oriundas de contextos periféricos. No Brasil, especialmente no Nordeste, ela resulta da tensão entre resistência e assimilação, tradição e ruptura, colonialidade estética e reapropriação

³ Eva Maria Lakatos; Marina de Andrade Marconi, p.242, METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTIFICO - 9ªED. (2021).

sensível. Em Pernambuco, observa-se de maneira evidente como tais dinâmicas influenciaram a produção cultural, na qual práticas artísticas, por meio de suas formas, suportes e simbologias, desestabilizam cânones eurocentrados e reconfiguram a relação entre o local e o universal.

Nesse contexto, a obra de Francisco Brennand constitui um dos mais significativos testemunhos da modernidade cultural no Brasil, tendo transformado de maneira profunda a paisagem estética pernambucana entre as últimas décadas do século XX e as primeiras do XXI. Sua produção propõe uma linguagem singular, ancorada na matéria primordial do barro, nos mitos fundadores e no imaginário ancestral do Nordeste brasileiro (Peloso et al., 2022).

Segundo Vasconcelos (2019), o primeiro contato de Brennand com a arte ocorreu aos 16 anos, em 1943, por intermédio do mestre Abelardo da Hora, que atuava na oficina de cerâmica de seu pai. Foi nesse ambiente que o artista experimentou pela primeira vez a modelagem do barro. No entanto, sua trajetória tomou novos rumos a partir da convivência com o mestre Álvaro Amorim, um dos fundadores da Escola de Belas Artes de Pernambuco. Amorim foi contratado por Ricardo Lacerda de Almeida Brennand para restaurar uma coleção de quadros de João Peretti, ocasião em que Francisco, movido pela curiosidade, passou a acompanhar o processo de restauro. Essa experiência despertou de forma definitiva seu interesse pelo universo das artes, levando-o a manifestar o desejo de tornar-se pintor.

1384

A importância desse posicionamento torna-se ainda mais evidente quando se considera o espaço onde a produção do artista se consolidou: a Oficina Cerâmica Francisco Brennand, concebida não como ateliê isolado, mas como território simbólico, arquitetura-memória e museu vivo. O espaço físico da Oficina funciona como metáfora de uma modernidade tropical, na qual o barro se converte em linguagem e o gesto artístico assume espessura política. Conforme ressalta Mariano (2024), ao edificar sua própria geografia estética, Brennand promoveu a construção de um sentimento de pertença que transcende o âmbito afetivo ou subjetivo, alcançando dimensões culturais e epistemológicas. A arte que emerge desse espaço ultrapassa os limites da obra individual, pois convoca o visitante a um deslocamento cognitivo, um exercício de reaprendizado do olhar e da sensibilidade. Nesse percurso, as formas escultóricas demandam leitura simbólica, percepção estética e consciência histórica, transformando a experiência artística em prática reflexiva e crítica sobre a cultura e a memória do Nordeste brasileiro.

Nesse quadro, as contribuições de autores como Peloso et al. (2022) torna-se fundamentais para compreender a produção artística como instrumento de reexistência. Este

conceito remete a práticas que, em vez de simplesmente resistirem à colonialidade estética, criam existências alternativas e insurgentes por meio de mundos simbólicos autônomos. A obra de Brennand, ao operar com um vocabulário formal próprio, enraizado no barro, na sexualidade mítica e no caos orgânico, encarna essa proposição com notável força. Ela não copia, não ilustra, não responde a demandas mercadológicas ou acadêmicas; ela afirma, desde dentro, uma lógica criadora que recusa o exotismo e reivindica centralidade simbólica para o Nordeste como matriz estética autônoma e contemporânea.

Outrossim, é importante ressaltar que a singularidade da produção estética de Francisco Brennand reside na forma como o artista construiu, ao longo de sua trajetória, uma poética da subjetividade radicalmente enraizada no território. Nesta perspectiva, a subjetividade, aqui, não se confunde com intimismo ou autoreferência, mas se constitui como princípio organizador de uma visão de mundo moldada pela fricção entre o sagrado e o profano, o corpo e o mito, o tempo circular e a desordem simbólica. Sua obra, longe de ser codificável nos termos das escolas artísticas tradicionais, opera como sistema autônomo de signos, imagens e narrativas que revelam uma interioridade intensamente conectada ao ambiente natural, histórico e espiritual do Nordeste brasileiro.

Além disso, a subjetividade presente nas obras de Francisco Brennand estabelece uma relação simbiótica com os ciclos naturais e os mitos ancestrais, conferindo ao artista a condição de mediador entre o tempo histórico e o tempo mítico. Suas esculturas não buscam solucionar enigmas, mas instigá-los. A recorrência de formas fálicas, criaturas híbridas e portais cerâmicos indica uma abertura constante ao indizível e ao desmedido, contrapondo-se ao mundo racional, cartesiano e utilitário característico do paradigma moderno ocidental. Por essa razão, Brennand transcende o rótulo de “moderno” em seu sentido estrito: ele encarna uma modernidade alternativa, impregnada de memória e alteridade, que se apresenta como uma crítica sensível ao modelo dominante (Gomes & Silva, 2021).

Portanto, pode-se afirmar que Francisco Brennand ampliou os limites da arte moderna, transformando-a em uma linguagem de pertencimento e de insurgência simbólica. Sua subjetividade criadora não o afastou do mundo, mas o reconectou às raízes mais profundas de sua terra, de sua cultura e de seu corpo. O barro tornou-se verbo, a forma se converteu em pensamento, e a matéria passou a expressar consciência. Essa força estética contribui para o impacto duradouro de sua obra no imaginário cultural pernambucano e brasileiro, explicando também sua crescente relevância no campo da crítica de arte e da educação estética.

2 A Oficina Brennand como Espaço Vivo de Produção e Experiência da Modernidade Cultural PERNAMBUCANA

A construção da Oficina Brennand, localizada em Recife, em uma antiga olaria da família, teve início na década de 1970 e consolidou-se nas décadas subsequentes como um projeto de longa duração. O espaço passou a abrigar não apenas o acervo do artista, mas também suas experimentações escultóricas mais audaciosas, incluindo grandes totens cerâmicos, figuras híbridas que povoam as galerias e monumentos mitológicos distribuídos pelo jardim. Conforme observa Mariano (2024), a reocupação do espaço fabril por meio da prática artística representou, simultaneamente, a conversão de uma memória industrial em território de expressão simbólica.

Dessa forma, a Oficina configura-se como uma reinvenção contínua da identidade cultural de Brennand e de Pernambuco, na qual barro, água, fogo e tempo funcionam como elementos estruturantes de uma estética profundamente situada, capaz de dialogar tanto com a tradição local quanto com perspectivas universais da produção artística.

A Oficina Cerâmica Francisco Brennand não pode ser compreendida apenas como um ateliê ou museu no sentido tradicional. Trata-se de uma obra total, configurando-se como um espaço de síntese entre criação estética, experiência sensorial, memória cultural e intervenção simbólica. Sua arquitetura, as esculturas e a organização paisagística compõem uma unidade viva e mutante, que supera os limites da funcionalidade e da contemplação passiva. Diferentemente dos espaços museológicos ocidentalizados, nos quais a obra se dissocia do processo de criação e é valorizada pela distância silenciosa, a Oficina atua como um território simbólico ativo, onde a arte se inscreve organicamente no tempo, no espaço e na matéria.

1386

Conforme observa Iannacci (2023), visitar a Oficina é participar de uma jornada sensorial e caótica, projetada para estimular os sentidos e deslocar o olhar convencional. Essa desorientação não ocorre por acaso; constitui uma estratégia estética deliberada, por meio da qual Brennand desestabiliza normas perceptivas da arte moderna e convida o observador a se engajar afetivamente no ato criador.

No interior desse espaço, estabelece-se uma relação de caráter simbiótico entre arquitetura, escultura e paisagem natural. Os jardins da Oficina, compostos por fontes, caminhos sinuosos e áreas arborizadas, não se configuram como simples cenários ornamentais, mas integram-se de forma indissociável à própria obra. A escultura distribui-se pelo chão, pelas paredes, pelos espelhos d'água e pelos portais, emergindo do barro como uma extensão da terra. Nesse processo, remete a ciclos orgânicos que tensionam e contrastam com a rigidez

característica do concreto urbano.

Além disso, a Oficina consolida-se não apenas como espaço de arte, mas também como centro vivo de memória e educação estética. Programas educativos, visitas escolares e projetos de mediação cultural transformam o local em um verdadeiro laboratório de experiências formativas. Pesquisas como a de Marinho (2020) evidenciam sua potência ao mostrar que a Oficina tem servido até mesmo ao ensino de ciências biológicas, explorando a força simbólica das esculturas para abordar temas como anatomia, ecologia e evolução. Esse caráter interdisciplinar e inovador reforça que a obra de Brennand vai além da dimensão estética: ela rompe fronteiras do conhecimento, conecta arte e ciência e revela-se como instrumento profundamente transformador de percepção e aprendizagem.

Dessa forma, evidencia-se que a relevância da Oficina reside, sobretudo, em seu caráter de obra viva, submetida a contínuos processos de transformação, resistência e reinvenção, refletindo não apenas a trajetória individual de seu criador, mas também a natureza dinâmica da cultura brasileira em sua manifestação mais complexa, mestiça e insurgente. A Oficina Brennand transcende o estatuto de patrimônio material, constituindo-se como espaço de disputas simbólicas, núcleo de difusão estética e testemunho de que a modernidade pode assumir configurações tropicais, barrocas, corporais e profundamente enraizadas no solo do qual emergem seus mitos.

1387

3 Legado Estético e Cultural de Francisco Brennand na Paisagem Contemporânea

Inicialmente, é importante ressaltar que o legado de Francisco Brennand transcende sua produção material, consolidando-se como uma matriz simbólica que atravessa gerações e reconfigura o imaginário cultural de Pernambuco. Sua obra permanece viva não apenas nos espaços físicos que a abrigam, mas também nas influências que propaga, nos olhares que transforma e nas práticas que inspira.

A relevância de Brennand na constituição de uma estética nordestina moderna e insurgente reside não apenas na singularidade de sua linguagem cerâmica, mas igualmente em sua habilidade de condensar tempo e território em formas capazes de tocar o inconsciente coletivo. Como destacam Rebouças e González (2021, p. 26), sua arte funciona como uma ponte entre o visível e o indizível, entre a matéria e a transcendência, convocando o espectador a uma experiência estética que ultrapassa a mera apreciação do belo, atingindo o plano simbólico.

A inserção das obras de Francisco Brennand na paisagem urbana do Recife transcende

o caráter meramente decorativo, configurando-se como um elemento fundacional na constituição do espaço cultural da cidade. Suas esculturas em locais públicos, notadamente no Parque das Esculturas, articulam-se ao cotidiano urbano como dispositivos de memória coletiva e de afirmação identitária. Essas obras não se restringem à ocupação física do território; elas narram histórias, registram símbolos, reencenam mitos e tensionam os padrões visuais herdados da estética colonial, promovendo uma reconfiguração sensível do imaginário urbano.

O impacto de Brennand se estende também ao campo pedagógico, conferindo à sua obra um valor didático significativo na formação de professores e no fomento de práticas interdisciplinares que articulam arte, ciência e cultura.

Assim, pode-se afirmar que o legado de Francisco Brennand não se limita a um conjunto de obras concluídas, mas constitui um campo de forças em permanente movimento. Ele se expressa na multiplicidade de interpretações que suscita, na diversidade de campos com os quais dialoga e na durabilidade de sua obra como referência ética, estética e cultural. Sua cerâmica não apenas moldou o barro: moldou também uma percepção singular da arte brasileira, abrindo espaço para o inusitado, o selvagem, o simbólico e o subjetivo, em meio a uma época marcada pela padronização da sensibilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, constata-se que a obra de Francisco Brennand configura um exemplo singular de modernidade cultural enraizada, autêntica e profundamente inovadora no cenário brasileiro. O estudo teve como propósito central examinar de forma crítica a relevância do artista na consolidação de uma modernidade própria em Pernambuco, destacando sua estética singular, o vínculo simbólico com o território e sua atuação como agente de transformação da sensibilidade coletiva. A partir dos objetivos específicos, buscou-se interpretar as bases técnicas e poéticas de sua produção, compreender a Oficina Brennand como espaço de diálogo entre memória e invenção, além de analisar os impactos culturais, formativos e simbólicos que sua obra projeta na atualidade.

Ao retomar os objetivos propostos, constata-se que este estudo cumpriu a função de evidenciar os sentidos profundos que atravessam a produção de Francisco Brennand, revelando-o não apenas como artista plástico de reconhecido talento, mas como articulador de uma estética do pertencimento e autor de uma modernidade enraizada no território, no corpo e no símbolo. Sua obra demonstra que o moderno não precisa ser importado, ele pode ser moldado no barro,

emergir das águas do mangue, florescer no calor de um forno e atingir seu ápice na comunhão entre natureza e arte.

Nesse contexto, abre-se um convite para que outros pesquisadores da área da educação ampliem seus olhares em direção à diversidade de espaços não formais, superando a centralidade dos ambientes tradicionalmente científicos, como centros e museus, e reconhecendo as potencialidades de experiências formativas em contextos artísticos. Tal movimento amplia as possibilidades de promoção da educação científica e cultural em lugares diversos, reforçando a necessidade de identificar e valorizar ambientes artísticos como territórios legítimos de produção de conhecimento.

Assim, este trabalho pretende instigar futuras investigações que aprofundem os contributos da linguagem artística para a formação de estudantes e professores da educação básica e superior, reforçando a dimensão interdisciplinar do processo educativo.

Conclui-se, portanto, que a modernidade cultural encarnada por Brennand é, antes de tudo, uma modernidade insurgente, poética e crítica, que resiste ao apagamento das identidades locais e propõe novas formas de existência estética. Na Oficina e no conjunto de suas obras, diluem-se signos culturais que ressoam tanto nos mitos e narrativas do teatro grego, ainda hoje fundamentais para a compreensão da cultura clássica na formação do homem ocidental, quanto na força criadora do artista pernambucano, que traduziu tais influências em uma obra escultórica única, capaz de unir tradição, memória e invenção.

1389

REFERÊNCIAS

MARIANO, Tiago Gouveia. Do sentimento de pertença em Francisco Brennand (1927-2019): IMMOTUS NEC INERS. 2024.

MARIANO, Tiago Gouveia. “Jamais os Gregos” Uma jornada pelo universo subjetivo de Francisco Brennand (1927-2019). 2023.

PELOSO, Franciele Clara; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; MOTA NETO, João Colares da. O nome da flor: diálogos entre Paulo Freire, Francisco Brennand e as decolonialidades. *Práxis Educativa*, v. 17, 2022.

DE ABREU GOMES, Rafaela. FRANCISCO BRENNAND E JOÃO CABRAL: O INFINITO ATRAVÉS DO FINITO. *fólio-Revista de Letras*, v. 13, n. 1, 2021.

BRIGAGÃO, Hera. A arte com o barro: e a arte utilitária de Francisco Brennand. 2021.

SILVA, Anderson Thiago Monteiro da; FRANÇA, Suzane Bezerra de; NEVES, Ricardo Ferreira das. The BioArt of Francisco Brennand Ceramic Workshop Institute: a study of the

contributions to teaching and learning in Biological Sciences through the mediator's perspective. *Ciência & Educação*, v. 29, 2023.

GOMES, Rafaela de Abreu. Entre objetividades e subjetividades artísticas. *Olho d'água*, v. 16, n. 2, 2025.

DE ABREU GOMES, Rafaela; DE CASTRO SILVA, Odalice. Pensar e fazer pensar “utilidades” poéticas e artísticas. 2021.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Lutas pela decolonização da arte e da educação. *Revista Vis: Revista do programa de pós-graduação em arte*, v. 21, n. 2, p. 459-468, 2022.

BARBOSA, Ana Mae. A constante luta pela descolonização na Arte e na Arte/Educação. *GRIETAS Y PROVO-CACIONES*, p. 49.

IANNACCI, Elio. A beautifully chaotic journey tailor-made to excite the senses. *Globe & Mail* (Toronto, Canada), p. A12-A12, 2023.

MODERNISMO no Brasil. Enciclopédia Itaú Cultural, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo359/modernismo-no-brasil>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BUENO, A. O universo de Francisco Brennand. Recife: Ermakoff, 2011.

BUENO, A. Prefácio. In: BRENNAND, F. *Diário de Francisco Brennand: O Nome do Livro*. v. I. (1949-1979). Recife/Rio de Janeiro: Inquietude, 2016. p. 13-20.

DIÁLOGOS com Brennand: o artista Francisco Brennand, pernambucano como Paulo Freire, ilustrou dez fichas do programa nacional de alfabetização. Blog VI FALA homenageia PAULO FREIRE, 2015. Disponível em: <http://vifalahomenageiapaulofreire.blogspot.com/p/dilalogoscom-brennand.html>. Acesso em: 01 agosto. 2025.

<https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/28/06/2024/prefeitura-do-recife-sanciona-lei-que-declara-utilidade-publica-da-oficina>.

MARIANO, T. G.; RODRIGUES, P. S. Um passeio sobre a obra de Francisco Brennand e sua oficina museu na várzea, Recife-PE. *Revista Galo*, n. 2, p. 183-192, 25 out. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.53919/g2l15>>.

VASCONCELOS, Ruth. Do testemunho ao testamento sobre a vida e a obra de Brennand. Maceió: Viva, 2019.

Marinho, Pedro Henrique Monteiro - <http://lattes.cnpq.br/7592636510137476>.

MARIANO, T. G.; RODRIGUES, P. S. Um passeio sobre a obra de Francisco Brennand e sua oficina museu na várzea, Recife-PE. *Revista Galo*, n. 2, p. 183-192, 25 out. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.53919/g2l15>>.

BATISTA. Sueli Soares dos Santos. “Museu vivo”: Massificação e Escolarização dos Museus.

Revista olhar: UFSCar. Ano 4. n. 7. 2003. Disponível em:
<http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar7/museu.pdf>. Acesso: 13 abr. 2025.

REBOLÇAS, Júlia; GONZÁLES, Julieta. Devolver a terra à pedra que era – 50 anos da Oficina Brennand. Catálogo de exposição, 2021-2022.